

1. A SITUAÇÃO DO ENSINO

1.1 — A situação geral

Há, na contemporaneidade brasileira, uma consciência e um sentimento generalizados de frustração, de fracasso e de irrealização no que diz respeito ao panorama e à situação da produtividade do ensino, de sua rentabilidade, em todos os domínios e escalões.

O aluno revela escasso e raso proveito da aprendizagem, precariedade essa que emerge, por exemplo, nos resultados das provas e exames freqüentemente citados e criticados pela imprensa e pelos meios educacionais, conforme conclui o grupo de trabalho que elaborou sugestões ao MEC, para a melhoria do ensino e da aprendizagem do português.

1.2 — A situação particular do ensino de português

Esse mesmo grupo, coordenado pelo professor Celso Cunha, insere a ineficiência do ensino da língua materna dentro desse quadro generalizado, ressaltando que a falência da pedagogia do idioma apenas ressalta com mais nitidez e maior evidência, porque a língua, matéria prima da comunicação, é instrumento através do qual são ministradas todas as outras disciplinas, pois, como quer Barthes, qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem... perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem.

A constatação dessa carência na performance da língua foi a causa mesma da nomeação ministerial que instituiu comissão de especialistas para estudar e propor o aperfeiçoamento do ensino da língua portuguesa nos níveis de 1.º e 2.º graus e no ensino superior.

A comissão, como se sabe, e como dá conta o noticiário do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, de 6 de abril do ano em curso, sugere, ao lado de numerosas outras medidas, que seja exigida, na formação de professores de qualquer disciplina, a inclusão do ensino de comunicação oral e escrita, já que todo o ensino depende do bom uso da língua.

Recomenda ainda, a comissão, que nas provas, deve-se dar mais ênfase ao desempenho do idioma tanto na expressão como na interpretação, do que aos fatos gramaticais.

1.3 — Crítica à situação atual do ensino

Na crítica que faz ao panorama do ensino de português, a comissão diagnóstica as causas determinantes do estado atual de coi-

sas, e que podem ser ampliadas até abrangerem toda a situação presente da educação brasileira, pois, como bem situa o Irmão Elvo Clemente:

As outras matérias acompanham o ritmo do ensino da Língua Portuguesa. Não há fatos isolados. Tudo está interligado ou inter-relacionado, fruto de uma civilização sem alma e sem cultura.

A gênese de todas essas falhas estaria localizada em componentes de natureza sócio-cultural, sócio-econômica e pedagógica.

Como se fosse um parêntese, fique dito que, sem que se resolvam os dois primeiros fatores, de nada adiantaria o erguimento do edifício pedagógico, condenado, desde logo, ao esboroamento, a partir de seus frágeis alicerces estaqueados no ar, e é só no pressuposto de um estabelecimento sólido de suas fundações, que implica a solução infra-estrutural já apontada, é que vamos tentar levar adiante as presentes considerações.

Isto posto, superado esse estrangulamento, voltamos à comissão que, entre as lacunas de ordem pedagógica, aponta as que se relacionam, com a formação do professor de português e as que dizem respeito a procedimentos eficazes para o satisfatório desempenho e interpretação da língua escrita.

1.3.1 — Linhas de força divergentes no interior dos cursos de letras

Caberia registrar aqui a contribuição do Irmão Elvo Clemente que assinala a existência, no interior, dos cursos de letras, de duas linhas de força orientadas em sentidos diferentes, senão opostos:

a) a que tende para satisfação de anseios de uma clientela de ideais a curto prazo e mais modestos, voltada para o magistério de 1.º e 2.º graus; ou que, tão só, almeja formalizar situações profissionais já existentes nesses níveis;

b) a que tende para satisfação de anseios de uma clientela de ideais mediatos e mais distantes, que visa ao magistério superior, ao mestrado e ao doutorado e o conseqüente trânsito pelos cursos de pós-graduação e que se volta também para o conhecimento específico puro e para a pesquisa.

2. O ÂMBITO E O DESENVOLVIMENTO DESTES ESBOÇOS

2.1 — O âmbito

Circunscreveremos os parâmetros deste esboço à sugestão de medidas ligadas ao ensino de letras, em nível superior, visando a sua melhoria no aspecto da execução escrita do idioma, tanto no âmbito de sua expressão como no de sua interpretação e com vistas ainda a minorar as tensões apontadas em 1.3.1.

2.2 — O desenvolvimento

Uma proposta para o ensino da expressão e interpretação do português escrito, na graduação em letras, constitui o limite deste trabalho. O esboço de uma metodologia a ele adequada será o seu desenvolvimento.

Em resumo, passaremos a indicar procedimentos que têm por objetivo a organização de um planejamento dentro do qual se processará a composição e a interpretação de textos, no 3.º grau, nos cursos de letras.

3. ESBOÇO DE UMA METODOLOGIA DA COMPOSIÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

3.1 — A colocação de uma dicotomia em nível médio

Se diferenças de concepções que podem ser representadas, por exemplo, pelas posições de lingüistas eminentes, da estatura de Augustinus Staub, de um lado; e de Genouvrier e Peytard, de outro, no que tange aos aspectos que merecem maior realce na composição no 1.º e 2.º graus, nos causam alguma perplexidade, entendemos que essa disjunção possa vir a ser confluyente, uma vez transposta aos cursos de letras.

É que Staub manifesta sua preocupação fundamental pela leitura que expõe o leitor a regras gramaticais, a transformações características da língua escrita, enquanto Genouvrier e Peytard enfatizam a necessidade de aprofundado conhecimento das funções e do funcionamento da língua o que instala a oposição, relacionada com a predominância a ser emprestada, na metodologia da composição:

Teoria da linguagem vs Leitura.

3.2 — A resolução da dicotomia em nível superior

A nossa ver, essa contradição existente em nível médio seria superada no estágio superior, na área precisa em que se situam as preocupações deste trabalho.

Na graduação em letras, conforme o departamento a que pertençam suas várias disciplinas, seriam gizados ora um outro aspecto dessa dicotomia, buscando confirmar o que postula Georges Gusdorf, citado em **Planejamento e Organização do Ensino**, do Laboratório de Ensino Superior da Faculdade de Educação da UFRGS:

A linguagem não só coopera na construção do mundo dos objetos, do mundo da percepção e da intuição objetiva, mas é também indispensável para a construção do mundo da imaginação pura. Tome-se, a título de exemplo, a ainda há pouco vigente organização departamental do currículo do Curso de Letras do Instituto de

Letras e Artes da PUC do Rio Grande do Sul:

- 1 — Departamento: Estudos Literários e Artes
Disciplinas: Teoria Literária, Crítica Literária, Expressão Artística, História da Arte, Estética.
- 2 — Departamento: Letras Anglo-Germânicas
Disciplinas: Língua Inglesa, Cultura Anglo-Americana, Literatura Norte-Americana, Literatura Inglesa, Filologia Anglo-Germânica, Língua Alemã, Cultura Alemã, Literatura Alemã.
- 3 — Departamento: Letras Clássicas.
Disciplinas: Língua Grega, Língua Latina, Literatura Grega, Literatura Latina.
- 4 — Departamento: Letras Românicas
Disciplinas: Língua Espanhola, Cultura Hispânica, Literatura Espanhola, Literatura Hispano-Americana, Língua Francesa, Literatura Francesa, Cultura Francesa.
- 5 — Departamento: Letras Vernáculas
Disciplinas: Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Cultura Brasileira, Cultura Portuguesa.
- 6 — Departamento Lingüística.
Disciplinas: Lingüística, Metodologia da Pesquisa Bibliográfica, Filologia Românica, Técnicas de Tradutor e Intérprete, Prática de Tradutor e Intérprete.

A partir dessa estrutura departamental, poderíamos desentranhar modelo ajustável aos cursos de letras em geral:

- 1 — Departamento de Estudos Literários e Arte
- 2 — Departamento de Letras Clássicas e Modernas
- 3 — Departamento de Letras Vernáculas
- 4 — Departamento de Lingüística

nos quais a metodologia da língua escrita assumiria os aspectos abaixo:

3.2.1 — Departamento de Estudos Literários e Arte

3.2.1.1 — Composição

3.2.1.1.1 — Ênfase no produto da leitura refletido na composição e centrado na criatividade do discente.

Nas cadeiras de Teoria Literária, as composições seriam feitas

sob a forma de crônicas e até mesmo de contos e poemas, o que implica bagagem de leitura literária e, em sua apreciação, prevaleceria critério que levasse em conta, predominantemente, a criatividade, a invenção, a imaginação, enfim a literariedade presente nos exercícios.

Verdade é que pessoa alguma tem obrigação de ser ficcionista ou poeta — é observação posta aqui — mas verdade é também que o alunado que procura os cursos de letras, boa parte dele pelo menos, os buscam a fim de aprimorar e dar vazão a seus pensores para a criação literária.

3.2.1.1.2 — Ênfase no funcionamento da língua refletido na composição

Nas cadeiras tais como *Crítica Literária, História da Arte e Estética*, já do mesmo aluno seriam pedidos trabalhos representados por relatórios de leitura de obras especializadas, relacionados com essas disciplinas e com estrita observância aos cânones da língua padrão, do escrito científico e dos preceitos consolidados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas.

3.2.1.2 — Interpretação de textos

No que toca à interpretação de textos, combinar-se-iam tarefas de tipo mais tradicional, na linha de F. L. Carreter e de Naief Safady, com os de tipo lógico-semântico, originados dos formalistas e Propp e desenvolvidos pelos estruturalistas contemporâneos.

3.2.2 — Departamento de Letras Clássicas e Modernas

3.2.2.1 — Composição

3.2.2.1.1 — Ênfase no produto da leitura refletido na composição e centrada na criatividade do discente

Nas cadeiras correspondentes às literaturas das línguas clássicas e modernas, a ênfase incidiria na apreciação da criatividade e da habilidade do aluno na transposição dos textos literários dessas línguas para o português, com a pressuposta vivência com as obras equivalentes do vernáculo.

3.2.2.1.2 — Ênfase no funcionamento da língua refletido na composição

Nas cadeiras correspondentes às línguas clássicas e modernas, a preocupação seria voltada para a observância dos requisitos da língua padrão na tradução de textos que seriam sempre de natu-

reza não literária: os de filósofos, pensadores, historiadores cronistas e estetas, etc., além da adequada correspondência e fidelidade ao original.

No tocante ao aspecto contemporâneo das línguas modernas, e dentro desses critérios, as traduções proviriam da linguagem dos periódicos, das revistas, do jornalismo, do escrito científico, etc.

3.2.2.2 — Interpretação de textos

3.2.2.2.1 — Literaturas clássicas e modernas, nessas cadeiras, o preconizado em 3.2.1.2

3.2.2.2.2 — Línguas clássicas e modernas, nessas cadeiras, a interpretação de textos seria indispensável passo prévio para uma tradução que se desejasse literal e ancorada na denotação.

3.2.3 — Departamento de Letras Vernáculas

3.2.3.1 — Composição

3.2.3.1.1 — Ênfase no produto da leitura refletido na composição e centrada na criatividade do discente

Nas cadeiras de literatura luso-brasileira, apreciação das obras representativas da criação literária, precedida da elaboração de fichas de leitura e seguida de entrevistas sobre os textos agenciados.

3.2.3.1.2 — Ênfase no funcionamento da língua refletido na composição

Nas cadeiras de língua portuguesa, preocupação voltada para o desempenho da língua padrão, através de atividades intensas de, por exemplo, redação de noticiário jornalístico, reportagens, entrevistas, editoriais, da confecção de avisos; da feitura de correspondência oficial, comercial e privada; da elaboração de documentos tais como minutas, ofícios, atas, requerimentos, relatórios, resenhas de seminários e conferências; da aplicação de técnicas de preparo de originais, de dissertações e teses, sempre ou no que couber com atenção para a padronização que rege essas várias espécies de comunicação escrita.

3.2.3.2 — Interpretação de textos

3.2.3.2.1 — Literatura luso-brasileira, nessas cadeiras, o sugerido em 3.2.1.2, além do entendimento diacrônico e sincrônico do léxico.

3.2.3.2.2. — **Língua Portuguesa**, nessa cadeira o exame dos aspectos denotativos, dos traços de univocidade e de monossignificação que são a marca dos textos em língua padrão.

3.2.4 — Departamento de Lingüística

3.2.4.1 — Composição

3.2.4.1.1 — Ênfase no produto da leitura refletido na composição e centrada na criatividade do discente

Confecção do registro verbal da mensagem publicitária, quer a realizada em cartazes, quer sob a forma que reveste nas publicações em periódicos, na televisão e no rádio; transposição de códigos, como, por exemplo, a verbalização das historietas em quadrinhos. Nesse domínio, poderia ser experimentada a integração com cadeiras de artes plásticas de departamentos de belas-artes que se incumbiriam do aspecto icônico desses tipos de mensagens.

3.2.4.1.2 — Ênfase no funcionamento da língua refletido na composição

Relatórios de leitura de textos especializados, pesquisas sobre a realidade lingüística local, pesquisas filológicas relacionadas com a etimologia, evolução semântica, etc., com a feitura do trabalho subordinada à padronização existente sobre o assunto.

3.2.4.2 — Interpretação de textos

3.2.4.2.1 — **Lingüística** (ou especificamente na disciplina de **Semiologia/Teoria da Comunicação**, se existente, como é o caso do Departamento de Letras das Faculdades Unidas, de Bagé), nessa cadeira, análise semiológica da mensagem publicitária, da pintura, do cinema, da novela de televisão, etc., observadas as normas do trabalho científico. Abordagens estilística do texto, nos moldes de Rodrigues Lapa, Spitzer, Damaso Alonso, Jakobson e Riffaterre (muito particularmente no caso da existência de cadeira autônoma de **Estilística**, como ocorre em Bagé).

3.2.4.2.2 — **Filologia Românica** — Restauração, interpretação e modernização de textos arcaicos e antigos, respeitada à orientação que norteia o trabalho científico nesse campo especial

3.3 — Um paradigma e suas alternativas sintagmáticas

É evidente que os passos aqui postulados verticalmente não poderiam, ou poderiam muito dificilmente, ter uma realização simultânea e integral em um único período escolar, seja pelo perigo de um congestionamento excessivo, seja pelo prejuízo que representariam para a exposição dos conteúdos.

Queremos que nossas indicações signifiquem um paradigma cujas alternativas de encadeamento sintagmático, no plano horizontal, seriam programadas previamente em reuniões departamentais para a sua atualização por semestres letivos, de forma que, ao longo do curso, pelo menos parte significativa dessas opções possam ter sido tentadas.

3.4 — Uma complementação concomitante

Após o treinamento acima preceituado — ou concomitante a ele, o docente de letras estaria pronto para receber uma metodologia adequada de como ensinar composição e interpretação de textos, preparo indispensável às suas futuras funções docentes no 1.º e 2.º graus.

Essa instrumentação ser-lhe-ia proporcionada em cadeira de Prática de Ensino de Português (como a que existe na Faculdade de São Borja), mas a descrição de seus procedimentos já alargaria os limites fixados para o presente trabalho que se propõe, nada mais, a delinear uma sugestão metodológica sobre a composição e a interpretação de textos ao aluno de letras, e não ao de nível médio que, embora de extrema importância, ultrapassa a fronteira de nosso modesto propósito.

Em que pese isso, cabem aqui algumas considerações, de ordem geral, sobre o ensino de como ensinar a expressão escrita.

3.4.1 — Algumas considerações sobre o ensino da composição

Já que a aquisição da linguagem é um produto de uma situação de estímulo-resposta, determinada pela criação de sentidos internos (Osgood) e sabendo que estes sentidos só serão interiorizados na mente, através da formação do campo perceptual (Gestalt), entendemos que o aluno só conseguirá um bom desempenho lingüístico se lhe forem dadas condições significativas para a estruturação de sua competência.

Os alunos, a todo o momento, recebem informações fragmentadas do mundo que os cerca. Poderíamos dizer que têm uma síntese, uma visão global, não ordenada, dos fatos.

Pensamos que estas informações fragmentadas, dificultam o desenvolvimento do pensamento, sua estruturação e conseqüentemente o desempenho lingüístico, visto como resultado de uma elaboração mental.

Segundo a teoria da Gestalt, "aquele que ensina deve apresentar a situação como um todo", mas também dar condições para que o aluno, através dos elementos em jogo, chegue a aquisição de "sentidos".

Em situação de linguagem oral, estão presentes "elementos" que possibilitam que o campo se torne significativo com relação ao problema apresentado, facilitando o desempenho, apesar de depender também de fatores emocionais ou físicos: nervosismo, esgotamento, etc. É adquirida independentemente de qualquer intervenção da escola, mas supre apenas necessidades imediatas e não há nestas circunstâncias premência de organizações de frases mais complexas, visto que há a presença do ouvinte ou interlocutor.

Se considerarmos uma determinada situação de desempenho lingüístico, como a resolução de uma situação-problema, podemos dizer que na língua escrita falta "algo" que é necessário a uma solução adequada.

Caberia então à escola oportunizar otimização para situações escritas em que o aluno fosse capaz de estruturar seu pensamento de maneira lógica, "percebendo" e "ordenando" os fatos.

Percebemos, todavia, que o ensino atual tende a centralizar o estudo da língua, na função expressiva (no sentido de Popper) e as funções superiores da linguagem descritiva e argumentativa são pouco desenvolvidas.

Sugeriríamos um trabalho que partisse da observação, descrição e comparação dos fatos até chegar a argumentação, porque acreditamos que é através de exercícios de observação e descrição que o aluno chega a organizar seu "campo perceptual".

Notamos também a importância do estímulo, como força capaz de gerar respostas e de colocar o aluno disponível para o aprendizado da composição, pois, segundo Frogner, "A disponibilidade é a capacidade de evocar-se as palavras em situações particulares." É determinada, fazendo-se com que o indivíduo escreva um texto relativo a um assunto dado.

3.5 — Integração e coroamento

Como se viu, a preocupação que orientou este esboço de sugestão metodológica, foi a de experimentar o aluno de letras no desempenho da atividade escrita, voltada para o produto de leitura e para o funcionamento da língua, através da ênfase ora de um, ora de outro aspecto, conforme a natureza das diversas disciplinas do curso.

A integração e o inter-relacionamento dessa dupla modalidade de uma mesma língua escrita far-se-iam paulatinamente e sua equilibrada dosagem seria avaliada no coroamento do curso, através de uma dissertação final de licenciatura, na forma como ocorre na PUC/RS e na U.C.Pel.

4 — CONCLUSÃO

Fica aqui, fruto da observação continuada do que ocorre no ensino de letras no 3.º grau entre nós, esta busca de um delineamento metodológico para o ensino da língua materna escrita em nível de educação superior, e que, de certo, posto em prática, teria fundas repercussão no 1.º e 2.º graus.

Com isso — salvo os equívocos com que estamos mais familiarizados de que com os certos, e que apenas nos moveriam a começar tudo de novo — com, isso, repetimos, estaria compensada a unilateralidade de um ensino basicamente teórico que é o que está instalado em nossa realidade pedagógica.

Note-se, por fim, que não nos estamos insurgindo contra a teoria, eis que também não nos agrada o pragmatismo imediatista, mas é chegada a hora de levar alguma concretude ao ensino e à aprendizagem do idioma nacional.

5 — BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. *Estudo sobre metodologia do ensino da Língua Portuguesa*, Ed. Champagnat, Porto Alegre, 1969.
- *A Reforma do Ensino do Português como Língua Materna no Brasil*, Coimbra, Coimbra Editora, 1968.
- *Situação da Língua Portuguesa. Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 mai. 1976.
- *Para onde vai o ensino da Língua Portuguesa. Letras de Hoje*, Porto Alegre, 16 55-58, Jun. 1974.
- GENOUVRIER, Emile & PEYARD, Jean. *Lingüística e ensino de Português*. Coimbra, Almedina, 1974.
- HEAD, Brian F. *Revista Vozes*, Petrópolis, 5 1973.
- LABORATÓRIO DE ENSINO SUPERIOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS *Planejamento e Organização do Ensino*. Porto Alegre, Globo, 1975.
- MARTINS, Dileta Silveira & ZILLBERKNOP, Lúbia Scilar. *Português Instrumental*, Porto Alegre, Graphé, 1976.
- MARX, Melvin H. & HILL, William A. *Sistemas e Teorias em Psicologia*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- MIRANDA, José Fernando. *Compreender e Expressar*. Porto Alegre, Sulina, 1976.
- PAIVA E SOUSA, Judith Brito de. *Didática do Português*. Rio de Janeiro, Aurora, 1964.
- STAUB, Agostinus. *A Lingüística e o ensino da composição*. Porto Alegre, 16 35-51, Jun. 1974.
- TENÓRIO, Waldecy. *O ensino do português e a terapêutica da afasia social. O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 mai. 1976.